

Nós, que pugnamos pelo desenvolvimento esportivo e atlético de nossa gente, convencidos de que a cultura física em geral, garantindo o aperfeiçoamento e fortalecimento de nossa raça, é o elemento primordial da segurança da pátria, deparamos com surpresa e com inicial satisfação, no Correio da Manhã de 10 do mês pas-

falsa doutrina a respeito do valor da Educação Física no panorama da guerra, maximé agora na situação de extremo perigo em que nos encontramos, quando todos os esforços devem ser conjugados na mobilização total de nossos valores, para enfrentarmos com segurança a pesada ameaça que se estende sobre nós.

esclarece a primeira, porque são duas proposições diversas. "O hércules que mercê de uma cultura profissional intensiva, desenvolveu até limites quasi monstruosos o seu sistema muscular" não pode ser confundido com o atleta, o esportivo, o individuo que pratica educação física de uma forma racional, metódica e progressiva. Em que

# Os atletas



# e a guerra

sado, um artigo cujo título era "Os Atletas e a Guerra".

Ao observarmos que se tratava de uma lavra de JULIO DANTAS, redobramos de atenção, lendo-o vagarosamente, crescendo nossa surpresa e diminuindo nossa satisfação, ao verificarmos a confissão de determinadas afirmações e sua errônea conclusão, após argumentos de ordem histórica e biológica.

Consideração o grande valor intelectual, e o prestígio que justificadamente goza o autor entre nós, graves consequências poderiam resultar da disseminação de sua teoria, criando uma

Inicialmente é mencionado o fato de um ex-campeão mundial de box ter-se apresentado, voluntariamente, para o serviço do exército norte-americano, o que motivou elogio por parte do autor do artigo. A seguir o ilustre escritor pergunta: — "Mas — eis a duvida — o atleta tipo, o hércules que, mercê de uma cultura profissional intensiva, desenvolveu até limites quasi monstruosos o seu sistema muscular, será útil na guerra moderna? Ou — ponhamos a questão ainda de maneira mais clara: — o atleta será um bom soldado?"

Entretanto a segunda pergunta não

ficaria? Irá o autor referir-se ao atleta normal, ou ao campeão absoluto? Não podemos responder com certeza uma vez que o autor em sua argumentação, ora menciona simplesmente os atletas em expressão geral, ora designa em particular os atletas profissionais, não estabelecendo diferenças, e descrevendo sempre um tipo gigantesco porém profundamente anormal, um "titan doente".

A partir da falsa interpretação, em que confunde a figura equilibrada e eugênica do atleta praticante, com o hipertrofismo do especialista desenvolvido no mais alto grau, o autor de-

envolve uma série de considerações de ordem biológica, tendentes a provar a ausência de valor guerreiro de um ser, que ele teima em chamar de "atleta", descrevendo-o porém, para nós como um verdadeiro fenômeno.

O autor deve referir-se forçosamente, na sua esplanção, ao tipo super-treinado, e não condena por certo o atleta; e não afirma que este seja um mau soldado. Assim não fosse, nós que, (graças a Deus) temos Exército, Marinha, Forças Aéreas e Reserva que é a nossa Juventude, constituídos de atletas entusiastas, muitos dos quais detentores de marcas sul-americanas, e em todo o caso, na sua maioria ótimos e verdadeiros Atletas, estaríamos perdendo tempo precioso, porque isto não mais adianta.

A seguir o autor, faz um ligeiro elogio do equilíbrio orgânico e harmonia funcional que o homem deve possuir, que na sua opinião o atleta não tem, porque neste, ele só vê seres hipertrofiados. Parece que o autor se obsecou com as figuras gigantescas de pugilistas, e só enxerga atletas em "Golias lutadores".

Na nossa opinião é no atleta verdadeiro que existem essa harmonia e equilíbrio funcional, e somente levantamos restrições aos campeões ou recordistas máximos.

Em princípio, também concordamos, que o recordista mundial ou o campeão absoluto de uma determinada modalidade de esporte, é um fenômeno, um absurdo, um ser anormal que levou a sua especialização muito longe, na tenacidade de sua perseguição ao título supremo. Talvez que para estes se aplique, todo o cortejo de achaques, maleitas, e fraquezas, que o autor descreve, generalizando infelizmente para todos os atletas.

Entretanto, mesmo neste caso, convém ressaltar que a primeira condição para o indivíduo quebrar um recorde ou atingir a uma vitória extraordinária, deverá ser a de estar em ótimas condições de saúde. Esta condição "sine qua non", pressupõe para o atleta um regime higiênico especial, no qual a lição de educação física, o repouso, a alimentação e a observação médica são preocupações de primeiro plano.

Ainda convém frizar que, mesmo dentro do treinamento especializado, o atleta executará exercícios sobre articulações e sinergias musculares, que não são diretamente solicitadas no esforço da prova, mas que são necessárias subsidiariamente.

Dessa forma, na pior das hipóteses, em cada prova há um indivíduo fortemente prejudicado — o campeão absoluto, o Recordista Mundial — e, no máximo, uma centena de outros atletas ainda um pouco atingidos pelo "mal" de sua especialização; na sua incansável perseguição do resultado máximo. Em compensação foi essa glória efêmera do maior título esportivo que atrai, em todo o mundo, milhões de jovens ao Atletismo, Esportes e Cultura Física em geral.

Iniciando seus argumentos de ordem histórica, declara o autor: "A antiguidade greco-romana, que cultivou o atleta como divertimento público — gladiadores, pugilistas, ginasiarcas — não pensou de maneira diferente". Muito embora, tenha havido influência grega na civilização dos romanos, elas se apresentaram com características diversas, evoluíram com o escoar do tempo, e pelo menos há que considerar na Grécia, um período

áureo e um de decadência, e em Roma um período pré-Grécia, um post-Grécia, e um caracteristicamente Romano, todos eles com elementos de diferenciação bem nítidos. Não podemos pois afirmar, de uma só penada: "A antiguidade greco-romana cultivou o atleta como divertimento público".

Na decadência da educação física

que as mentalidades mais ilustres da própria Grécia combatiam o atletismo, emuncionou: "Platão, no Banquete, diz-nos que Sócrates embora preconizando a cultura física, condenava o atletismo". Poderia ter acrescentado que Platão, foi um filósofo Grego cujo nome era Aristócles, filho de Ariston, que em virtude da largura de seus



da Grécia, o pugilato, o pancrácio, a luta vertical e horizontal, e o acroquirismo, talvez houvessem constituído "divertimento público; no terceiro período da evolução da educação física em Roma, no tempo dos Cesares, as manifestações de educação física eram quasi que somente espetáculos dos circos e dos anfiteátros (corrida de carros e luta de gladiadores). Cumpre porém frizar, que isto só aconteceu nos períodos da decadência de Grécia e de Roma, quando já estava deturpada a cultura física e corrompido o valor guerreiro e moral dos gregos e romanos.

Nos primeiros tempos de Roma, era com verdadeiro entusiasmo, que a multidão após o trabalho de cada dia, se reunia no Campo de Marte a borda do Tibre, onde todos se entregavam a exercícios de corridas, saltos, arremessos e lutas, a evoluções militares e manejo de armas, tudo com o nítido objetivo da preparação guerreira, o que lhe garantia inicialmente a segurança de suas fronteiras e mais tarde a enorme extensão de suas conquistas.

Na Grécia, não foi apenas um lema, como o foi na China, onde a personalidade marcante de Confúcio, o proclamava para salvação de seu povo; não foi somente o postulado de vida, das castas superiores dos Índus, foi a realidade de cada dia, foi o arcabouço da civilização Grega, foi o exemplo à posteridade, e hoje, decorridos vinte e cinco séculos, procuramos com afã reproduzir. A ambição máxima do jovem grego era o aperfeiçoamento ideal, que, transformando-o num atleta e num herói, lhe traria a auréola de um Semi-Deus.

O autor, com o objetivo de mostrar,

hombros de lutador, era cognominado Platão. Sócrates não condenou o atletismo, que era a própria essência da educação física da Grécia, e seria impossível divorciar o atletismo da educação física Grega, combateu porém, a especialização profissional, surgida no período de decadência que corroeu o idealismo dos primeiros tempos, mirando o valor físico e guerreiro do povo grego.

Em apoio da campanha do desprestígio da educação física, movida pelos intelectuais gregos, o autor poderia ter citado Hipócrates, que dizia: o atleta super-treinado é uma coisa absurda e anti-natural, e o que se devia procurar, eram as ótimas condições de saúde. Galeno ironizava o acúmulo constante de carne e de sangue, enquanto o espírito se chafurdava na lama e concluía que a alma de Milton de Crotona não era superior à do louro que ele carregara nas costas. Diógenes o "Cínico", que no recinto sagrado da arena olímpica, teve a ousadia de aparecer com o coroa de louros de vencedor, e diante da celeuma causada, explicava que tinha o direito de usá-la, também era um vencedor, "pois que havia vencido as suas próprias paixões".

Toda essa campanha, era em última análise, o grito de revolta dos intelectuais, por verem corrompida a cultura física helênica, conspurcados os sublimes ideais do aperfeiçoamento e eugenia, e a decadência das famosas competições atléticas, que foram os jogos Olímpicos, verdadeiro amálgama que reuniu através de quinze séculos, as turbulentas cidades gregas em uma só Nacionalidade.

MARATONA e SALAMINA, pertencem

cem ao período áureo do atletismo e dos Jogos Olímpicos.

Até agora, um ligeiro constrangimento, cerceava de certa forma os nossos movimentos. E' bem verdade que argumentávamos sobre um assunto familiar "Os Atletas e a Guerra" uma vez que como antigo professor da Escola de Educação Física do Exército, e como militar de carreira, o abordávamos, com relativa facilidade. Tratando-se além disso, de objeções de ordem histórica, muito embora nossos conhecimentos fossem limitadíssimos, eramos afinal de contas, responsáveis pela cadeira de História da Educação Física, e tudo nos impulsionava e externarmos nosso ponto de vista. Entretanto perdurava ainda o constrangimento. Sempre era grande ousadia, contraditar um médico e um escritor de reconhecida nomeada.

Agora porém, em se tratando propriamente de doutrina de guerra, inequivocamente estamos mais desafogados.

Referindo-se à inutilidade da educação física no passado e concluindo para os nossos dias, diz o autor; o será na guerra contemporânea, em que a força física desempenha um papel secundário, porque os combates corpo a corpo são raros e os exércitos exterminam-se a quilômetros de distância".

Os atuais Regulamentos estabelecem para o combate ofensivo: — Marcha de aproximação, Tomada de contato e engajamento, Ataque, Assalto e perseguição.

Uma vez que os exércitos se exterminam a quilômetros de distância, teremos uma radical transformação na doutrina de combate que será assim esquematizada: — Marcha de aproximação, Tomada de contato e... Destrução.

Desta forma é criada uma nova fase, completamente desconhecida de

todos os chefes militares do momento.

Reconhecemos que o ilustre autor não é um técnico militar e escreve como um dilettante, aliás desde as primeiras linhas, havíamos reconhecido, que se tratava de um artigo de... um dilettante.

Entretanto a respeito de "extermínio de exércitos a quilômetros de distância", mesmo sendo um leigo, um curioso sem maiores responsabilidades, poderia ter encontrado algo de objetivo nos jornais e revistas da atualidade. Saberia assim que após quatro semanas, em que foi lançada dia e noite sobre Londres, a mais terrível, violenta e brutal ofensiva aérea, edifícios, igrejas, monumentos e fábricas de armamento (em menor número, em virtude da proteção anti-aérea) foram destruídos. Além deste fraco mérito militar, os londrinos passaram a viver mais algumas horas em seus abrigos, cavaram outros mais profundos, construíram fábricas, hangars, e depósitos de munições subterrâneos, e... a tormenta passou.

O Governo Britânico em comunicação oficial afirmou que nos dois trágicos meses, agosto e setembro de 1940, verificaram-se em Londres 35.953 mortes e 42.227 feridos, medonho recorde, recordação de um brutal atentado a uma cidade desprotegida. Em 1940, segundo a Travelers Insurance Co. de New York, nos Estados Unidos da América, os pacíficos automóveis burgueses, fizeram 35.000 mortes e 1.320.000 feridos.

Não se pode afirmar, que a poderosíssima "Luftwaff" no seu período de esmagadora superioridade, agindo contra uma cidade praticamente indefesa (naquela época) tenha levado grande vantagem, em matéria de "extermínio" às luxuosas limousines dos norte-americanos.

Quanto ao "corpo a corpo", as manchetes dos jornais, diariamente nos trazem informações, de sangrentos combates "corpo a corpo", nas planícies geladas da Rússia, e em todas as frentes de batalha do Oriente.

No momento em que escrevemos estas linhas, milhares de homens fortes, empenham-se em terríveis combates "corpo a corpo", para manutenção ou conquista de posições no terreno.

A seguir prossegue o autor: "Mas, diante de uma metralhadora não há Hércules que resista". A primeira coisa que nos acode ao espírito, é uma réplica infantil, porém a mais cabível no caso: — e o que faria o maior intelectual do mundo, nesta mesma situação?

Ponderando melhor, poderíamos continuar: em que condições está o nosso atleta, face a esta metralhadora? A que distância? Em que terreno? O fato é que para "progredir" até ela, quer em "lanços", quer "rastejando", e neutralizá-la com um arremesso eficaz de granada, é necessário ter-se qualquer coisa de atleta.

O autor continua: "A máquina desvalorizou o músculo, e com um sóco, por mais violento que ele seja, não se põe Knock Out um carro de assalto". Estamos de pleno acordo. O que porá knock out um carro de assalto, será um canhão anti-tanque cuja guarnição não poderá ser constituída de "intelectuais", porque não é fácil para eles o "serviço" em torno de uma peça de artilharia.

E para finalizar, o autor inicia uma crítica e respeitável sugestão a um país amigo, sobre o que prudentemente nos abstermos de manifestar, tanto mais que estamos absolutamente convencidos ser perigosíssimo, aventurar-nos por "alheias searas"...